

O ALERTA DA BORRACHA: PRODUTIVIDADE NO CAMPO, CRISE NA INDÚSTRIA

O vigor dos seringais do Noroeste Paulista neste início de 2025 projeta um ciclo 2025/26 de alta produtividade. No entanto, a exuberância do campo mascara uma crise comercial sem precedentes: o risco iminente de a borracha ser abandonada no campo. Não falta capacidade de colheita ou competência agrônômica; o que falta é mercado, em um cenário onde o produtor perde o destino para sua produção.

O fato desafia a lógica. O Brasil produz apenas 60% da sua demanda interna. Como haveria excedente em um país que não é autossuficiente? A causa desse descompasso foi alertada pela Apabor e demais entidades do setor ao Governo Federal no ano passado: o “tarifaço” americano desviou o excedente de pneus asiáticos para o Brasil.

A cadeia da borracha é um organismo integrado: do seringueiro à usina, da indústria pneumática ao consumidor. Quando a ponta final é invadida, todo o sistema adoece. Há apenas dois anos, o mercado era equilibrado: 60% dos pneus eram fabricados aqui. Dados recentes revelam uma inversão brutal: 66% do consumo nacional hoje é abastecido por importados, restando me-

ros 34% para a indústria local.

O consumidor é atraído pelo preço baixo do importado, mas desconhece seu alto custo ambiental. O pneu de carga nacional permite, em média, 2,7 recauchutagens. Já o importado suporta apenas 0,7. Ou seja, o produto estrangeiro tem uma durabilidade muito menor e, dessa forma, é bem mais poluente. Além disso, a indústria nacional cumpre rigorosamente a logística reversa, transformando pneus velhos em massa para asfalto. Esse processo legal acaba por gerar um custo maior embutido no preço do pneu novo. O importado, porém, sem fiscalização efetiva, ignora essa responsabilidade ambiental e, justamente por isso, chega mais barato ao consumidor. Ao não pagar pela destinação correta de sua “carcaça descartável”, o produto estrangeiro barateia seu preço à custa da poluição de nossos rios e solos.

As consequências são imediatas. Com a perda de mercado, as fabricantes nacionais reduzem a compra do coágulo brasileiro, derrubando os preços e a liquidez. Duas gigantes pneumáticas já encerraram atividades no país. Sem uma intervenção urgente que proteja a cadeia como um todo, enfrenta-

remos um colapso sistêmico.

O cenário que se desenha é de usinas operando abaixo da capacidade e indústrias fechando as portas. No final, o produtor ficará com o campo cheio e a rentabilidade vazia. O resultado inevitável? Desemprego em massa na indústria, nas usinas e no campo – e uma crise econômica de proporções gigantescas, uma vez que a borracha natural é um dos grandes motores de desenvolvimento do nosso país. O alerta foi dado; a solução depende agora de coragem política.



Fábio Tõnus
diretor-executivo da APABOR



Além da
região de
Nipoã, Poloni
e Planalto

SERVIÇOS PRESTADOS:

- Consultoria Agropecuária e Financeira
- Emissão de CAF
- Departamento Contábil
- Departamento Pessoal
- Departamento Fiscal
- Cursos Gratuitos / SENAR

17 3295-1592

sindicatordemonteaprazivel

RUA DUQUE DE CAXIAS, 753
CENTRO - MONTE APRAZÍVEL/SP